

# **O LETRAMENTO VIA GÊNERO DO CORDEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS DE CINCO ANOS DE IDADE**

DEISE SANTOS DIAS SANTANA<sup>1</sup>  
VIVIANE FERREIRA DA SILVA<sup>2</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> IRENE DA SILVA COELHO<sup>3</sup>

## **RESUMO**

O presente artigo analisa uma situação de letramento via gênero do Cordel na educação infantil. Trata-se de uma pesquisa que observa quais contribuições esse gênero pode propiciar ao educando em relação à ampliação de sua capacidade intelectual e o desenvolvimento da linguagem.

Palavras-Chave: Gênero, Cordel, Letramento, Linguagem, Educação Infantil.

## **LITERACY BY GENRE CORDEL AT EDUCATION CHILDREN FOR CHILD OF FIVE YEARS OLD**

## **ABSTRACT**

This article analyzes a situation of literacy via Cordel genre in early childhood education. This is a survey which notes that this genre can provide contributions to the student in relation to the expansion of his intellectual ability and language development.

Keywords: Gender, Cordel, Literacy, Language, Early Childhood Education.

## **INTRODUÇÃO**

Um dos muitos objetivos da Educação Infantil é a ampliação da capacidade de linguagem da criança - de comunicação e de seu vocabulário. A linguagem oral tem um papel importante para o desenvolvimento do letramento das crianças de 05 anos de idade, já que a criança encontra-se em uma fase de ampliação de seu vocabulário e todas as situações que envolvem a oralidade e a leitura (eventos de letramento) contribuem para que isso ocorra, desde que o professor promova situações como as citadas. A implementação de um evento de letramento depende de um professor que saiba identificar os interesses das crianças e as motive, desenvolvendo estratégias de aprendizagem e adquirindo saberes de valor nesse percurso.

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil deixa claro que um dos objetivos a serem alcançados com as crianças de 4 a 6 anos de idade é ampliar as possibilidades de comunicação e expressão, além de oportunizar o contato com gêneros orais. Este trabalho oferecerá à criança a possibilidade de contar suas

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Unisanta.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Unisanta.

<sup>3</sup> Professora Orientadora do curso de Pedagogia da Unisanta.

vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas. Como é de conhecimento de todos, as parlendas, os versos trava-línguas, as cantigas de roda e os jogos são amplamente aplicados na educação infantil tendo o lúdico como a principal base para a efetivação desses processos educativos e tendo o professor como mediador na maioria dessas atividades. Dentro desse contexto, aventa-se a possibilidade de que, por meio da intermediação do professor, do lúdico e da leitura de cordéis, seja possível levar o aluno a acompanhar, cantar e tomar contato com essas histórias populares, enriquecendo seu conhecimento sobre acontecimentos históricos e culturais do povo brasileiro e que também ampliem seu vocabulário.

Segundo Magda Soares (2009), a leitura frequente de histórias para crianças é indispensável na educação infantil, pois é uma atividade que enriquece o vocabulário da criança e proporciona o desenvolvimento de habilidades de compreensão de textos escritos, de inferência, de avaliação e de estabelecimento de relações entre fatos.

Os educandos devem ser expostos a diversos gêneros de textos na educação infantil. (SOARES, 2009). Ou seja, a literatura de cordel é mais uma opção no leque do ensino infantil e sobre o qual não existem muitos estudos a respeito.

As discussões relacionadas à aplicação da Literatura de Cordel nos processos educacionais ampliaram-se de maneira considerável no ensino fundamental. Nos dias atuais, uma ampla literatura proveniente da Pedagogia e da Linguística tem voltado seu olhar para as contribuições desse tipo de literatura para a construção da aprendizagem por parte do discente. É nesse sentido que é válido afirmar que a Literatura de Cordel propicia a eclosão de novas tendências pedagógicas para o ensino, o que, por conseguinte, leva para o cenário pedagógico novos horizontes para a construção social do conhecimento.

Assim, justifica-se a importância desta pesquisa e de seu ponto de partida - realizada através de leitura de artigos, textos e livros que discorrem sobre eventos de letramento, educação infantil, psicologia infantil e literatura de cordel.

Esta pesquisa também tem um objetivo prático, pois vai a campo, a fim de observar como se dá a recepção pela criança do cordel – crianças de 3 salas de aula de uma escola particular, no bairro da Ponta da Praia, na cidade de Santos.

Por meio dessa observação, pretende-se identificar quais são os efeitos desse evento na sala de aula. A situação envolve a leitura feita pelas professoras de

um conto de fadas, em formato de cordel. Por meio dessa situação, buscou-se observar como foi o entrosamento das crianças de 05 anos com o livro, as curiosidades sobre o vocabulário e as reações em geral, de forma a identificamos de que modo que a literatura de cordel pode despertar na criança a reflexão sobre a linguagem e suas formas. Procurou-se também identificar, por meio de um questionário aplicado às professoras, que informações elas tinham sobre a literatura de cordel.

## **A EDUCAÇÃO INFANTIL E A CRIANÇA DE 05 ANOS DE IDADE**

As primeiras creches, asilos e orfanatos surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. Nas creches as crianças brincavam, eram alimentadas e higienizadas, para que seus pais e / ou responsáveis pudessem trabalhar. Não havia preocupação real das autoridades em relação ao desenvolvimento integral das crianças, a intenção inicial era somente “sanar” o problema da população mais pobre, que não tinha onde deixar os filhos durante todo o dia de trabalho.

Até meados do final dos anos setenta, pouco se fez em termos de legislação que garantisse educação a essa faixa etária. Já na década de oitenta, diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento. Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido.

A lei de diretrizes e bases da educação foi reformulada em 1996, em seguida o governo lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997 e, em 1998, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil modificaram a visão de educação infantil e deixaram clara a importância do desenvolvimento intelectual, cognitivo, emocional, corporal e social para as crianças das creches e das pré-escolas.

A questão do desenvolvimento infantil ganha relevância e tem sido estudada por vários pensadores, dentre os mais conceituados está Jean Piaget, Lev

Semionovitch Vigotsky e Henry Wallon. Porém, vamos nos ater aos conceitos de Piaget sobre o tema. O autor afirma que o desenvolvimento cognitivo se dá por estágios durante períodos da infância em que há mudanças significativas na criança. Piaget constatou esse processo através da observação direta, sistemática e cuidadosa de crianças, inclusive de seus três filhos.

Piaget esquematizou o desenvolvimento intelectual nos seguintes estágios:

1. Sensório – Motor (0 a 2 anos)
2. Pré – Operacional (2 a 7 anos)
3. Operacional Concreto (7 a 12 anos)
4. Pensamento Formal (12 anos em diante).

Particularmente para esta pesquisa interessa o estágio Pré – Operacional, quando a criança está com 05 anos de idade. Nesse estágio, ela é considerada por Piaget como egocêntrica, tem pensamentos e linguagem egocêntrica, pois não desenvolveu a capacidade de se colocar no lugar do outro, não aceita o ponto de vista que difere do dela. Também verificou que a criança acredita que tudo que se move tem vida (animismo).

É durante o período pré-operacional que há um aumento de vocabulário, a criança passa a entender e usar mais palavras - já entendem mais de duas mil palavras e conseguem formar sentenças corretamente. É um momento em que os adultos conversam muito com elas, que leem, que interagem, ou seja, ajudam a desenvolver a comunicação delas. Sendo assim, conclui-se que é um momento bastante propício para colocar a criança em contato com gêneros textuais que possam ampliar seus conhecimentos.

## **A LINGUAGEM ORAL E A CRIANÇA DE 05 ANOS**

A linguagem oral é fator importante para que possamos nos comunicar e socializar é também produtora de conhecimento, e está presente em quase todos os momentos de nossa vida. Não é de hoje que a oralidade tem importância no mundo. Na Grécia antiga, principalmente em Atenas, a liberdade era um fator primordial, mas também ser racional, falar bem, argumentar - cultivava-se a ideia de um homem ideal, o orador.

Dentro da educação ateniense, o conhecimento do belo, da verdade e do bem eram de extrema importância. O humanismo ateniense dividia a educação em três

categorias: a escola primária, a educação artística e o ensino superior. Mas era no ensino superior que se estudava a retórica que nada mais era que a arte do bem falar, que se dividia em três operações: procurar o que vai se falar ou escrever; ordenar as ideias encontradas; utilizar termos apropriados para expor as ideias.

Nos dias atuais, muitos estudiosos, políticos, líderes, utilizam ou utilizaram a comunicação oral para atingir seu público, para chegar ao seu objetivo. Para desenvolver com sucesso a oralidade, é necessário que essa habilidade seja desenvolvida desde a educação infantil. A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos eixos básicos na educação infantil devido sua importância para a formação social, interação e desenvolvimento do pensamento.

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (RCNEI – VOLUME 1, 1998, p.117).

Em grande parte das escolas de educação infantil, as atividades voltadas à linguagem oral, quase sempre ficam restritas à roda de conversa: sentar as crianças ao redor do professor e este lê uma história que pode ou não ser comentada pelas crianças - geralmente, as crianças respondem em conjunto apenas um questionamento sobre a leitura.

É preciso que os pequenos sejam estimulados, pois quando há uma participação ativa nas atividades, há um melhor desenvolvimento da linguagem.

Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa. (RCNEI – VOLUME 1, 1998, p. 121).

A linguagem oral abre caminhos para que as crianças consigam se expressar demonstrar suas intenções, comunicar ideias.

A oralidade e a escrita se completam, uma não existe sem a outra, para tanto, o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil (1998) afirma que, para as crianças de 04 a 06 anos, os conteúdos a serem apresentados são divididos em três blocos: falar e escutar, práticas de leitura e práticas de escrita.

A linguagem oral infantil será amplamente desenvolvida se as crianças tiverem acesso a músicas, escuta de histórias, canto e também conversas. Esse acesso deve ser estimulado principalmente pelo professor, que é o principal mediador das atividades é ele que poderá criar o espaço da leitura, que deve ser aconchegante, escolher a história a ser contada e estas devem possuir riqueza cultural, vocabulário vasto e ilustrações chamativas.

A ampliação do universo discursivo das crianças também se dá por meio do conhecimento da variedade de textos e de manifestações culturais que expressam modos e formas próprias de ver o mundo, de viver e pensar. Músicas, poemas, histórias, bem como diferentes situações comunicativas, constituem-se num rico material para isso. Além de propiciar a ampliação de universo cultural, o contato com a diversidade permite conhecer e aprender a respeitar o diferente. (RCNEI – VOLUME 1, 1998, p. 139).

Quando temos contato com crianças percebemos que logo por volta dos 18 meses, ela passa a imitar e compreender os gestos e falas dos adultos que convivem com ela. Passa a repetir muitas palavras que são do cotidiano, como: mamãe, papai, vovô, vovó, alô, entre tantas outras.

Piaget afirma que a criança começa a utilizar a linguagem entre o estágio sensório-motor e início do pré-operatório. Para tanto, é necessário que os órgãos do aparelho fonador estejam amadurecidos e normais, e ainda estejam com o desenvolvimento adequado para sua idade biológica. Neste momento, já existem as noções práticas das categorias de causalidade, espaço, tempo e constância do objeto. Quando o bebê adentra a seu segundo ano de vida, inicia-se a função simbólica do pensamento, a criança passa então a representar mentalmente acontecimentos, pessoas. “A linguagem é uma das manifestações da função simbólica da mente infantil.” (BARROS, 2002, p. 112). “A palavra auxilia, de modo significativo, o pensamento, possibilitando a formação de conceitos, o juízo e o raciocínio.” (BARROS, 2002, p.113). Piaget, através de suas inúmeras observações, definiu que o pensamento antecede a linguagem e esta sofre influência incisiva. Piaget fez uma pesquisa com crianças de 4 a 7 anos de idade, nesse momento, estão no estágio pré-operacional.

No estudo realizado, ele procurou verificar o desenvolvimento da conversação infantil e percebeu que na conversa entre os pequeninos há três estágios: No primeiro, a linguagem das crianças é estimulada por outras pessoas, entretanto, é uma linguagem egocêntrica, não há uma comunicação de fato. No segundo, existe

comunicação, porém quando acontecem atividades comuns, como pequenas discussões. No terceiro estágio, já há troca de informações, discussões, discordância, pontos de vista, justificativas e também concordância. “À medida que a criança aprende novas palavras e novas formas de reuni-las, modifica-se a natureza de seu pensamento; à medida que obtém novos conceitos, altera-se a estrutura de sua linguagem”. (BARROS apud LOURENÇO FILHO, 1950, p.114).

## LETRAMENTO

O termo letramento no Brasil, em Portugal e na França surgiu nos anos de 1980. No Brasil, mais especificamente em 1986. Na Língua Portuguesa, a palavra ainda não está dicionarizada, por ser uma introdução recente na língua – usada pela primeira vez por Kato (1986) em seu livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*, sem ser definida pela autora. No dicionário os termos que estão registrados são “letrado” (versado em letras, erudito) e “iletrado” (que não tem conhecimento literários). No entanto, não explicam o sentido dado à palavra **letramento**.

O letramento também significa compreender o sentido, numa determinada situação, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito; por isso, uma prática de letramento escolar poderia implicar um conjunto de atividades, visando ao desenvolvimento de estratégias ativas de compreensão da escrita, à ampliação do vocabulário e das informações para aumentar o conhecimento do aluno e à fluência na sua leitura. (KLEIMAN, 2005, p.10)

O conceito de letramento oportuniza um novo jeito de relacionar o escrito com o oral, não de oposição, mas sim de continuidade.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a *alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento*. (SOARES, 2004, p.14)

A alfabetização e letramento são indissociáveis, mas são de naturezas diferentes, têm formas, processos e aprendizagens diferenciados. Mas ainda assim, mesmo com a literatura sobre alfabetização e letramento bastante avançados e designando qual é a função de um e de outro.

Dentro desse contexto é necessário falarmos, também, de *eventos de letramento*, que são situações de práticas situadas em participam pessoas com diferentes saberes: a leitura de uma história - o professor, que é o intermediário, faz perguntas durante todo o contar da história para que os alunos consigam se situar, interpretar com o objetivo de construir um sentido.

Para sintetizar sua ideia de alfabetização e letramento, Magda Soares (2004) definiu quatro propostas: reconhecer a especificidade da alfabetização como processo de apropriação e aquisição da escrita; a importância que a alfabetização se desenvolva no processo de letramento; reconhecimento da alfabetização e letramento em diferentes dimensões; rever a formação profissional dos professores, dado o fracasso escolar na aprendizagem da língua escrita nas escolas nacionais.

## **MIKHAIL BAKHTIN E OS GÊNEROS**

Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um pensador / pesquisador, nascido na Rússia em 1895 na província de Orel e faleceu em Moscou no ano de 1975. Bakhtin pertenceu a uma nobre família russa em decadência que primava à educação da família, devido a isso ele e seu irmão foram apresentados e inseridos na cultura europeia para que tivessem uma educação de qualidade.

Chegando a universidade, Bakhtin matriculou-se no curso de estudos clássicos da faculdade Filológico – Histórica. Foi neste momento que até então o estudante, passou-se a interessar-se pelos estudos da literatura e da linguagem através dos círculos intelectuais que ele participava, pois foi determinante para o desenvolvimento a respeito das teorias que no futuro ele haveria de estudar e defender.

As teorias e conceitos estudados pelo russo foram: Dialogismo; Gêneros discursivos; Vozes do discurso; Cronotopo; Exotopia; e também Realismo grotesco e carnavalização.

Já sabemos que Bakhtin foi um importante filósofo e estudioso da literatura e da linguagem, foi também responsável por aplicar pela primeira vez a palavra gênero num sentido mais abrangente, por isso Bakhtin e os gêneros discursivos são a nossa base para entendermos um pouco mais sobre esse estudo.

Para Bakhtin, textos escritos ou orais produzidos por nós, apresentam uma série de características estáveis, tenhamos consciência delas ou não e podem ser

configuradas por três aspectos básicos: o assunto, a estrutura e o estilo (processos recorrentes da linguagem). A abrangência do termo se dá devido a diferentes formas de texto em situações de comunicações cotidianas.

Quando o filósofo fala de gêneros do discurso, significa a amplitude dialógica que tem esse aspecto de sua teoria, ou seja, expressa que não há interrupção no dialogar é uma constante de perguntas e respostas, isto é, a interação social.

Segundo Bakhtin (2000), a utilização da língua estará sempre relacionada à atividade humana e será contemplada através de enunciados orais ou escritos. “Qualquer enunciado consideradamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

É através da entonação de voz e de códigos implícitos numa conversa que o gênero do discurso se manifesta. Uma conversa observada por uma pessoa que não faz parte do diálogo pode parecer estranha, devido a algumas palavras diferentes ou brincadeiras que não pertençam ao círculo de convivência daquela pessoa.

Bakhtin (2000) afirma que falamos sem suspeitar da existência dos gêneros, pois eles são apresentados para nós da mesma forma que nossa língua de origem, ou seja, naturalmente.

Apesar de parecer uma fonte inesgotável de gêneros discursivos, o pensador resolveu classificar os gêneros em primários e secundários.

Os gêneros primários são aqueles constituídos de comunicação verbal cotidiana, já os gêneros de discurso secundário acontecem quando se tem uma comunicação cultural mais complexa, principalmente escrita.

As crianças geralmente são apresentadas aos gêneros primários nas práticas de linguagem e isso dá instrumentos para as crianças se desenvolverem e as permitem agir de forma eficaz em situações novas que lhe são apresentadas.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio – política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstância de uma comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p.281).

Para desenvolver o gênero do cordel com as crianças de 05 anos, iniciaremos pelo gênero primário (oral), pois ainda não são alfabetizadas, porém apresentando a literatura de cordel e fazendo leitura dos livros que desrespeitem ao assunto, automaticamente as crianças terão contato com o gênero secundário (escrito), pois a literatura de cordel é um gênero literário e relata a realidade cultural do povo do nordeste do Brasil.

O fato é que nós educadores devemos utilizar o gênero através de uma visão ampla, digamos assim, com uma visão bakhtiniana, pois com essa amplitude ajudaremos a enriquecer a capacidade dos alunos em relação à produção de textos orais e escritos e ainda a melhora na recepção, na leitura, na compreensão e interpretação dos textos.

## **O CORDEL**

A literatura de cordel já existia desde o Renascimento, quando se popularizou a impressão de relatos orais. Chegou a Portugal e a Espanha por volta do século XVI. Na península Ibérica, tinham o nome de, *pliegos sueltos, folhas soltas ou volantes*. Foram os portugueses que trouxeram os cordéis para o Brasil já no período da colonização, ainda como poesia oral, mas foi somente no século XIX que os folhetos passaram a ser impressos aqui no país.

Os cordéis se fixaram mais fortemente no Nordeste do Brasil, principalmente no estado da Bahia, depois se espalhou pelo restante dos estados nordestinos e do Norte também.

Os folhetos de cordéis são narrações de histórias populares do cotidiano. Nesses folhetos narram-se histórias de amor, aventuras, folclores entre muitas outras que se pode imaginar, esse gênero está enraizado na cultura folclórica e literária do país.

Os textos de cordel são versados, tem musicalidade e também tem como estrofe básica as sextilhas, que são estrofes de seis versos, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimados. Muito utilizadas em duelos e em grandes histórias.

Há uma característica muito marcante nos cordéis que são as xilogravuras, são desenhos fortes, rústicos, feitos em uma matriz de madeira que depois são passados para o papel, são gravuras que representam a história e tornam os versos muito mais atraentes para as crianças.

Muitos escritores ficaram famosos com seu trabalho de cordelistas, alguns dos mais conhecidos são: Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, Arievaldo Viana, entre muitos outros. Todos são nascidos no nordeste brasileiro.

A Literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento ou maravilhosos). É a literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas também espelho social de seu tempo. (FARIAS, 2010, p.3)

A literatura de cordel pode contribuir para uma educação voltada para a realidade na medida em que apresenta a criança uma visão do mundo, que pode se assemelhar ou não a sua, e também estimular o desenvolvimento cognitivo, para o desenvolvimento da oralidade nas crianças pequenas.

A ampliação de sua capacidade de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolvem tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras etc., como a participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. (RCNEI – VOLUME 1, 1998, p. 127).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola particular de Santos, no bairro da Ponta da Praia cujo nome não será citado, conforme termo de consentimento livre assinado pelos participantes. Essa escola faz parte de uma rede ampla de ensino distribuída por todo o país e que atende desde a educação infantil até a universidade.

A escola é frequentada por alunos de famílias de classe média alta e alguns poucos têm bolsas de estudos. O sistema de ensino é apostilado e apresenta orientações e atividades para que os professores as utilizem com seus alunos.

Na educação infantil, respeita-se o ritmo de cada aluno. A abordagem de ensino é mista e apresenta características tanto da vertente sociointeracionista como tradicional. A criança dessa faixa etária é exposta a parlendas, músicas e poesias, mas sempre é valorizada a bagagem que esses alunos trazem.

A oralidade também é um quesito presente na proposta pedagógica do colégio, a abordagem enfatiza a reflexão sobre a linguagem.

O currículo da escola engloba o que pede o RCNEI (1998): Natureza e sociedade, música, linguagem oral e escrita e movimento.

As salas de aulas são proporcionais à quantidade de crianças. Os alunos ficam bem acomodados em carteiras apropriadas à sua idade. As professoras têm auxiliares de classe (estagiárias) para ajudar nas atividades dentro e fora da sala. As salas têm no máximo 20 alunos, permitindo assim que a professora dê uma atenção maior aos seus discentes.

Como já anunciamos na introdução, o objetivo da pesquisa foi verificar a contribuição deste gênero nos eventos de letramento na educação infantil para crianças de 05 anos.

A pesquisa teve início com a aplicação de um questionário para cada uma das professoras que abordavam seu conhecimento a respeito da literatura de cordel e também sobre o gênero e eventos de letramento.

As questões apresentadas às professoras foram as seguintes:

1. Você pratica a “roda de leitura” com seus alunos para o aprimoramento da oralidade?
2. Quais os materiais utilizados para o momento da leitura?
3. Você conhece ou já ouviu falar em Literatura de Cordel?
4. Se a resposta da questão 3 for sim, responda se já leu esse gênero para seus alunos.
5. Se a resposta da questão 4 for não, responder o porquê.
6. Se lhe dessem um livro de Literatura de Cordel Infantil, você leria para seus alunos?

As respostas das professoras deixaram explícito que:

- Elas promovem a roda de leitura para a formação de leitores e também para ouvirem o que pensam os alunos a respeito dos textos lidos.
- Elas utilizam variados tipos de textos durante suas aulas: jornais e revistas, catálogos em geral, receitas culinárias e livros de literatura infantil.
- Em se tratando de literatura de cordel, todas também conhecem esse gênero e duas delas já leram esse tipo de texto para seus alunos. Apenas uma delas nunca havia pensado a respeito.

### **A atividade de leitura do cordel**

Propusemos que as professoras lessem um conto infantil em cordel durante um evento de letramento em que a atividade de leitura seria o ponto de partida e a oralidade o ponto de chegada e que pudéssemos observar essa atividade. Os livros propostos foram: A peleja de chapeuzinho vermelho com o Lobo mau em alusão ao conto infantil Chapeuzinho Vermelho e também o Coelho e o Jabuti, uma adaptação em cordel do conto A Lebre e a Tartaruga - todos de autoria de Arievaldo Viana, da editora Globo. Durante a atividade, ficamos na sala acompanhando e registrando o processo.

Descrevemos a seguir os procedimentos e encaminhamentos feitos pelas professoras das três salas.

#### Sala 1

A professora chamou seus alunos e avisou que era o dia de ler para eles, logo eles se excitaram e já foram se organizando e colocando almofadas ao seu redor. A professora sentou num canto da sala, os discentes sentaram junto às almofadas e a docente reapresentou esse gênero para seus alunos, pois ela já tinha lido cordel para eles. Ela explicou que era um livro diferente e o que significava o cordel. Após esse momento iniciou a leitura de forma bastante lúdica.

#### Sala 2

A docente juntou seus alunos e explicou que hoje era o dia da “roda da leitura”. Ela pediu ajuda para as crianças ajudá-la a arrumar a sala para que ocorresse o evento. As crianças já ficaram empolgadas assim que a professora citou o nome do livro e explicou que se tratava de um cordel. Elas nunca haviam tido contato com esse gênero. Logo a professora iniciou a leitura, bastante expressiva, respeitando as rimas. Isso tornou a leitura bastante empolgante.

#### Sala 3

A professora organizou toda a sala para ocorrer a leitura do livro e anunciou que iria ler um livro, cujo o gênero já conheciam, o cordel. Porém, aquela história ainda não havia lido. Ela informou novamente o que era o cordel e começou a ler. Fez a leitura de forma bastante clara e com uma entonação bastante forte, fazendo com que a leitura se tornasse bastante atrativa.

Os resultados da atividade são comentados a seguir.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

O gênero do cordel ainda não é amplamente conhecido apesar de ser uma ferramenta com várias possibilidades de aprendizagem.

Em todo momento da atividade as crianças ficavam surpresas com as palavras diferentes que apareciam no texto e questionavam a professora sobre tal palavra. Outros aspectos que chamaram a atenção das crianças foram as rimas e a musicalidade. Elas notaram algo familiar no texto e muitas delas fizeram relação com uma aula que tiveram dias antes sobre poemas.

Em todas as salas de aula, todas as crianças mostraram prazer, alegria e interesse na literatura de cordel, muitas delas prestaram atenção no tipo de desenho e acharam diferentes, mas apreciaram fortemente esse gênero.

Após a leitura, as docentes fizeram várias perguntas sobre a história contada, sobre o desenho dos livros e das palavras, automaticamente, a atividade transformou-se em um debate, no qual as crianças tentavam entender algumas palavras e queriam saber de onde vieram estas palavras e por que elas eram diferentes. A curiosidade e a conversação estavam presentes nas três salas de aula observadas.

Verificamos nessa pesquisa o quão importante é o gênero de cordel e como é uma ferramenta eficaz no desenvolvimento da oralidade da criança de cinco anos, pois se encontra num estágio que questiona, fala, expõe suas opiniões. O gênero cordel contribuiu para que isso ocorresse e estimulasse a criança a se comunicar.

O que se tem percebido é que de alguns poucos anos para cá, as pessoas têm ouvido falar mais sobre o cordel. Talvez até devido a um meio de comunicação de massa extremamente utilizado pelos brasileiros, a televisão. A emissora Globo, em torno de 3 anos lançou a novela Cordel Encantado, que relatava uma história de amor, entre uma princesa europeia desaparecida e um nordestino. Acredito que aí tenha sido um grande salto, uma abertura para que os telespectadores soubessem o que é o cordel. A editora Globo também lançou livros de Arievaldo Viana, os contos infantis: A peleja de chapeuzinho vermelho com o lobo mau, O coelho e o jabuti e o João Bocó e o Ganso de Ouro.

No RCNEI (1998), percebemos que há sim uma preocupação com a linguagem oral e escrita dos pequeninos. No referencial falam sobre as várias maneiras de influenciar a oralidade e a escrita das crianças, procedimentos, materiais a serem utilizados, porém, mais uma vez, a literatura de cordel fica de fora.

Sendo que é um referencial para todo país e abrange todas as culturas, não faz sentido este gênero ficar de fora de um documento que tem acesso nacional.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, também se fala da importância da oralidade e da escrita, descrevendo-as como eixo do ensino. O documento também aponta o gênero como instrumento a ser disponibilizado na biblioteca.

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, **revistas de literatura de cordel**, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. (PCN LÍNGUA PORTUGUESA, 1998, p. 61).

Ainda que citado pelo documento, a presença do gênero em sala de aula ainda é discreta e nem todos os professores o conhecem e o utilizam.

## **FINALIZANDO**

As crianças devem ter acesso a diferentes tipos de gêneros e à diversidade cultural existente. É preciso dar acesso à cultura nordestina e à Literatura de cordel tão importantes para aquisição da linguagem oral e ampliação do vocabulário infantil. Ouvindo as histórias, narrando fatos e recontando aquilo que ouviu, a criança passa ser sujeito ativo e não mais somente passivo da aprendizagem, ampliando assim a sua capacidade de linguagem oral, e também escrita, por meio desses eventos de letramento.

Este artigo pretende assim contribuir também para a sensibilização dos professores sobre a importância do Cordel, destacando seu potencial formativo, haja vista que o cordel é um gênero que explora a linguagem e cultura popular, sendo representante de uma cultura ainda pouco valorizada.

A partir da pesquisa desenvolvida constatamos que o cordel apresenta um vocabulário vasto e popular, porém diferente do que as crianças do Sudeste estão acostumadas a ouvir e como o cordel possui uma organização específica é atraente, pois as rimas contribuem para a memorização. Assim fica fácil inserir o cordel na educação infantil, como mais um evento de letramento que contribui a ampliação da linguagem.

Como já dissemos, a proposta foi observar o comportamento das crianças, principalmente o modo como utilizavam a linguagem durante e após a leitura. As crianças ficaram extasiadas, curiosas, felizes ao ouvir as histórias e depois fazer perguntas e comentários. É preciso esclarecer que o interesse delas está vinculado ao professor, à boa vontade e à prática dessas docentes na hora da leitura.

Durante o processo, os alunos:

- fizeram questão de tirar as dúvidas sobre as palavras;
- perceberam a rima e sua repetição;
- conseguiram relacionar o cordel com a história original - no caso, a narrativa (o conto).

O resultado, portanto, foi o que esperávamos: o cordel pode e deve ser utilizado como ferramenta em eventos de letramento para o desenvolvimento da oralidade para crianças de 05 anos de idade, pois se encontram em um estágio que lhes permite compreender o funcionamento do gênero e sua relação com a cultura.

Acreditamos que uma escola que tenha uma boa relação com sua equipe pedagógica, pode produzir eventos de letramento nos quais o gênero de cordel esteja envolvido. Não somente leituras e debates, mas a fabricação de livrinhos de cordéis, releitura de xilogravuras e saraus. É aproveitar essa fase propícia da criança, momento em que ocorre a ampliação do vocabulário e aprimorar ainda mais a comunicação e a expressão da criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Roberta M. Literatura de Cordel: Por que e para que trabalhar em sala de aula. **Fórum Identidades**. Sergipe, n. 4. p. 103-109. Jul / Dez 2008.

AUGUSTO, Silvana. As crianças e o universo dos Cordéis. **Revista Avisa Lá**. São Paulo, n. 22. p. 25-33, abr 2005.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Célia Silva G. Psicologia e Construtivismo. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL, Literatura de Cordel e Escola. Brasília, DF, 2010.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. (3 Vols). Brasília, DF, 1998.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Brasília, DF, 1998.

BRASIL, Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer CNE/CEB Nº: 20/2009.

CALHADO, Cynthia. Ler por prazer no ritmo do cordel. **Revista Nova Escola**. São Paulo, SP.

DALBEN, Ângela e outros (Org.). Coleção didática e prática de ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 632 p.

FERRAZ SANTOS, Carmi e outros (Org.). Diversidade Textual – Os Gêneros na sala de aula, 1 ed. Brasil, 2006. 134 p.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógica. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995.

GOULART, Cecília Maria A. Letramento e modos de ser letrado: Discutindo a base teórico – metodológica de um estudo. Universidade Federal Fluminense.

JESUS DA SILVA, Marinês & VALIENGO, Amanda. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil. **Interfaces**, Suzano, n. 2. p. 21-24, Out 2010.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os Significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? BRASIL, 2005  
<<http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfa/letrasbiblioteca/professorarquivos5710.pdf>>  
acessado em 17/09/2013.

Leite, Francisco B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. 2011. <<http://publicacoes.unigranrio.br/index.php/magistro/article/viewFile/1240/741>>  
acessado em 04/10/2013.

NOGUEIRA, Angela M. Origens e características da literatura de Cordel. 2009. Artigo (Licenciatura Plena em Letras / Inglês). Faculdade Integradas Ariquemes – FIAR.

OLIVEIRA GALVÃO, Ana Maria de & GOMES BATISTA, Antônio Augusto de. Oralidade e Escrita: Uma revisão. Minas Gerais, 2005.

OLIVEIRA GALVÃO, Ana Maria de. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RADINO, Glória. Oralidade, um estado de escritura. Maringá, PR, 2001.

SOARES, Magda B. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, nº 25, 2004. p. 5-17

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>> acessado em 19/09/2013.

SOARES, Magda B. O que é letramento. **Diário do Grande ABC**. Santo André, 29 ago. 2003. p. 1. <

[http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/o\\_que\\_letramento.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/o_que_letramento.pdf)> acessado em 10/05/2013.

SOARES, Magda B. Alfabetização e Letramento na educação infantil. **Pátio Educação Infantil**, n. 2. Jul/Out 2009.

TEIXEIRA, Lúcia. Gêneros Orais na Escola. São Paulo, 2012.

<<http://cordelparaiba.blogspot.com.br/2010/03/historia-da-literatura-de-cordel.html>> acessado em 02/10/2013.

<[http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordel.htm02/10](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordel.htm02/10)> acessado em 02/10//2013.

<[http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordelistas.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm)> acessado em 02/10//2013.